

A sorte está lançada

Com a realização ontem do pleito presidencial em primeiro turno, cessa por completo o sentido multilateral da campanha política. Seja qual for o manifesto das urnas, a sorte está lançada em definitivo para 19 dos 21 candidatos inscritos na sucessão. Dois, apenas, serão levados ao escrutínio, em 17 de dezembro, para que o eleito possa obter o credenciamento explícito da maioria nacional. O duplo grau de aferição da vontade popular configura o mecanismo criado pela inteligência política para conferir ao Presidente consagrado nas urnas o revestimento da autoridade e da credibilidade, capaz de fazê-lo gestor de um poder superiormente legitimado.

É exatamente por efeito da legitimação incontestável, a fim de tornar o governante a ser eleito depositário da confiança nacional e mandatário das legítimas aspirações do povo, que nascem as esperanças em favor de alterações no sombrio panorama da atualidade. Após quase três décadas de recesso institucional, no que diz respeito à escolha do Presidente pelo exercício da soberania, resumida no voto direto, a sociedade manifesta, com a maior limpidez possível, anseios por renovação ética na gestão governamental e definição de um novo papel para o Estado. Como se sabe, o tempo correu no período em meio a toda sorte de hesitações, equívocos, símbolos trocados; e sobre a linha de um estímulo arcaico que manteve inalterados os maus costumes políticos, substituiu-se a sociedade pelo Estado nas decisões sobre os destinos do País, concedendo-se esplendor jamais visto à corrupção.

O voto colhido nas urnas de ontem expressa, sem a menor dúvida, um sentimento de reação contra a desoladora desordem vigente. Não importa quais sejam os dois concorrentes selecionados para o torneio final de 17 de dezembro. A leitura social dos interesses coletivos não escapou aos observadores isentos e, muito menos, à sensibilidade dos postulantes mais bem situados nas intenções de voto perquiridas pelos inquiridos de opinião

pública. A esquerda ou à direita, a manifestação do eleitorado contém os elementos reformuladores da ordem política, os traços da inquietação em torno da presença estranguladora do Estado sobre os indivíduos e as instituições econômicas, assim também uma conclamação em favor da austeridade nos atos de gestão pública. Todos querem, em suma, colocar na Presidência da República alguém que possa recambiar o Brasil para o leito da prosperidade e oferecer à população condições essenciais para uma existência digna.

Os dois candidatos selecionados pelo turno inicial para a disputa eleitoral derradeira fazem bem, conhecidos os resultados do pleito, em promover entendimentos com o fim de conquistar a solidariedade política da votação dispersa nos concorrentes malsucedidos. Não há outra conduta possível no estilo de eleições consagrado no critério de dois turnos. Pelo contrário, tornada compulsória à força do mecanismo eleitoral, a negociação tende a apurar uma síntese política útil à construção do futuro, pois a ordem de dificuldades conclama o próximo Presidente a operar a conciliação nacional.

Mas, por todas as razões aqui enunciadas, o debate doravante urge desenvolver-se em torno de princípios programáticos. A balbúrdia gerada pela presença simultânea nos meios eletrônicos de comunicação de 22 cidadãos habilitados à corrida sucessória tornou impossível ao eleitorado distinguir com nitidez as propostas de governo de cada um. A sociedade acaba de manifestar sua preferência com base em uma avaliação preliminar de virtudes e, até mesmo, à força de um processo de empatia particularmente sensível à emissão de imagens televisivas.

Agora, mais que uma escolha entre duas lideranças políticas ungidas pelo voto popular, a Nação deseja perfilhar uma estratégia de governo que se mostre adequada à preservação dos valores históricos do País e capaz de resgatá-lo de seus graves dilemas políticos, econômicos e sociais.